

CARLOS FUENTES

CONTOS  
SOBRENATURAIS

Tradução de Helena Pitta

## **Chac Mool**

Há pouco tempo, Filiberto morreu afogado em Acapulco. Aconteceu na Semana Santa. Mesmo despedido do seu emprego na Secretaria, Filiberto não conseguiu resistir à tentação burocrática de ir para a pensão alemã, como todos os anos, comer o chucrute adoçado pelo suor da cozinha tropical, dançar no sábado de aleluia em La Quebrada e sentir-se «gente conhecida» no escuro anonimato vespertino da Playa de Hornos. Claro, sabíamos que quando era jovem nadava bem, mas agora, aos quarenta, e tão decaído como parecia, tentar percorrer, e à meia-noite, uma distância tão longa! Frau Müller não permitiu que o velório fosse na pensão – um cliente tão antigo; nessa noite, em vez disso, organizou um baile no pequeno terraço abafado, enquanto Filiberto esperava, muito pálido no caixão, que o autocarro matutino saísse do terminal, e passava a primeira noite da sua nova vida acompanhado por cestos e fardos. Quando cheguei, cedo, para fiscalizar o embarque do féretro, Filiberto estava sob um túmulo de cocos; o motorista pediu que o colocássemos rapidamente no tejadilho e o cobríssemos com lonas, para que os passageiros não se assustassem, e vá-se lá saber se não lhe tínhamos agoirado a viagem.

Sáímos de Acapulco ainda pela fresca. Até Tierra Colorada nasceram o calor e a luz. Com o pequeno-almoço de ovos e chouriço,

abri a pasta de Filiberto, trazida no dia anterior da pensão dos Müller, juntamente com os seus outros pertences. Duzentos pesos. Um jornal antigo; frações de lotaria; a passagem de ida – só de ida? – e o caderno barato, de folhas quadriculadas e capas de cartão marmoreado.

Decidi lê-lo, apesar das curvas, do cheiro a vomitado e de um certo sentimento natural de respeito pela vida privada do meu defunto amigo. Devia recordar – sim, começava por isso – o nosso trabalho quotidiano no escritório; talvez viesse a saber porque foi declinando e esquecendo as suas obrigações, porque enviava ofícios sem sentido, sem número ou «Sufrágio Efetivo». Por que razão, enfim, foi corrido, sem reforma, sem respeito pelos escalões.

«Hoje fui tratar da questão da minha reforma. O advogado, amabilíssimo. Saí tão satisfeito que decidi gastar cinco pesos num café. É o mesmo a que íamos quando éramos novos e a que agora nunca vou, porque me recorda que aos vinte anos podia dar-me a mais luxos do que aos quarenta. Nessa altura estávamos todos ao mesmo nível, teríamos rejeitado energicamente qualquer opinião pejorativa acerca dos colegas – de facto travávamos a batalha por aqueles sobre quem em casa discutiam a débil linhagem ou a falta de elegância. Eu sabia que muitos (talvez os mais humildes) chegariam longe, e que na escola se forjariam as amizades duradouras em cuja companhia faríamos a travessia do mar bravio. Não, isso não aconteceu. Não houve regras. Muitos dos humildes ficaram ali, muitos chegaram ainda mais longe do que teríamos podido prognosticar naquelas tertúlias agradáveis e fogosas. Outros, como eu, que parecíamos uma promessa, ficamos a meio do caminho, encalhados num exame extracurricular, isolados dos que triunfaram e dos que nada atingiram por um fosso invisível. Enfim, hoje voltei a sentar-me nas cadeiras, modernizadas – o dispensador de refrigerantes também, servindo de barricada de uma invasão – e dispus-me a ler o expediente. Vi muitos deles, mudados, amnésicos, retocados pela luz de néon, prósperos. Com o café que quase não reconhecia, com a própria cidade, foram-se cinzelando a um ritmo diferente do meu. Não, já não me reconheciam, ou não me

queriam reconhecer. Quando muito – um ou dois – uma mão gorda e rápida no ombro. Olá, velho, que tal? Entre eles e eu mediavam os dezoito buracos do Country Club. Camuflei-me atrás do expediente. Desfilaram os anos das grandes ilusões, dos prognósticos felizes e também todas as omissões que impediram a sua realização. Senti a angústia de não poder enfiar os dedos no passado para pegar nos bocados de um quebra-cabeças abandonado; mas vai-se esquecendo o baú dos brinquedos e, no fim, sabe-se lá onde foram parar os soldadinhos de chumbo, os capacetes, as espadas de madeira. Os disfarces tão amados não passaram disso. E, no entanto, tinha havido perseverança, disciplina, apego ao dever. Não era suficiente ou seria de mais? Por vezes, era assaltado pela lembrança de Rilke. A grande recompensa da aventura da juventude deve ser a morte; jovens, devemos partir com todos os nossos segredos. Hoje não teria de voltar os olhos para as cidades de sal. Cinco pesos? Dois de gorjeta.»

«Pepe, além da sua paixão pelo direito comercial, gosta de teorizar. Viu-me sair de Catedral e, juntos, encaminhámo-nos para Palacio. Ele é descrente, mas não lhe basta. Em meio quarteirão teve de fabricar uma teoria. Que se não fosse mexicano, não adoraria Cristo e – Não, repara, é evidente. Chegam os espanhóis e propõem-te que adores um Deus, morto feito um coágulo, com o lado ferido, cravado numa cruz. Sacrificado. Oferendado. Haveria coisa mais natural de aceitar que um sentimento tão próximo de todo o teu cerimonial, de toda a tua vida?... Mas imagina que, em vez disso, o México tivesse sido conquistado por budistas ou maometanos. Não é concebível que os nossos índios venerassem um indivíduo que morreu de indigestão. Mas um Deus a quem não basta que se sacrifiquem por ele e que faz com que lhe arranquem o coração, caramba!, xequemate a Huitzilopochtli! O cristianismo, no seu sentido ardente, sangrento, de sacrifício e liturgia, torna-se um prolongamento natural e renovado da religião indígena. Os aspetos da caridade, do amor e de oferecer a outra face, pelo contrário, são rejeitados. E tudo no México é isso: é preciso matar os homens para poder acreditar neles.

«Pepe sabia da minha inclinação, desde jovem, por certas formas da arte indígena mexicana. Coleciono estatuetas, ídolos, loiças. Passo os meus fins de semana em Tlaxcala ou em Teotihuacán. Talvez por isso ele goste de relacionar com estes temas todas as teorias que elabora para meu consumo. Aliás, procuro uma réplica razoável do Chac Mool há imenso tempo, e hoje Pepe informa-me de um local na Lagunilla onde vendem um de pedra e parece que barato. Vou até lá no domingo.

«Um brincalhão tingiu de vermelho a água do garrafão do escritório, causando uma evidente perturbação do trabalho. Tive de expor o assunto ao diretor, que achou muito divertido. O culpado valeu-se dessa circunstância para fazer sarcasmos nas minhas costas o dia inteiro, todos relacionados com a água. Filho da p...!»

«Hoje, domingo, aproveitei para ir a Lagunilla. Encontrei o Chac Mool na loja que Pepe me indicou. É uma peça belíssima, em tamanho natural, e, embora o vendedor garanta a sua originalidade, duvido. A pedra é vulgar, mas isso não diminui a elegância da posição ou a solidez do bloco. O vendedor desleal besuntou-lhe a barriga com molho de tomate para convencer os turistas da autenticidade sangrenta da escultura.

«O transporte para casa custou-me mais do que a sua aquisição. Mas já está aqui, para já na cave, enquanto reorganizo o meu quarto de troféus para lhe dar guarida. Estas figuras precisam de sol, vertical e fogueiro; esse foi o seu elemento e a sua natureza. Perde muito na escuridão da cave, como um simples vulto agónico, e a sua expressão parece censurar-me ter-lhe negado a luz. O comerciante tinha justamente um foco vertical sobre a escultura, que suavizava todas as arestas e dava uma expressão mais amável ao meu Chac Mool. Será preciso seguir-lhe o exemplo.»

«Acordei com a canalização avariada. Incauto, deixei a correr a água da cozinha e ela transbordou, correu pelo chão e, sem que me apercebesse, chegou à cave. O Chac Mool resiste à humidade, mas as minhas malas sofreram; e tudo isto num dia de trabalho, o que me obrigou a chegar tarde ao escritório.»

«Vieram, finalmente, arranjar a canalização. As malas, empenadas. E o Chac Mool com lama na base.»

«Acordei à uma: tinha ouvido um queixume terrível. Pensei em ladrões. Pura imaginação.»

«Os lamentos noturnos continuaram. Não sei a que atribuí-los, mas estou nervoso. Para piorar a situação, a tubagem tornou a rebentar e as chuvas entraram, inundando a cave.»

«O canalizador não aparece, estou desesperado. Do Departamento do Distrito Federal é melhor nem falar. É a primeira vez que a água das chuvas não obedece às sarjetas e vem parar à minha cave. Os queixumes cessaram: valha-nos isso.»

«Secaram a cave e o Chac Mool está coberto de lama. Dá-lhe um aspeto grotesco, porque toda a massa da escultura parece sofrer de uma erisipela verde, exceto os olhos, que permaneceram de pedra. Vou aproveitar o domingo para raspar o musgo. Pepe recomendou-me que me mudasse para algum apartamento, e para um último andar, de modo a evitar estas tragédias aquáticas. Mas não consigo deixar este casarão, certamente muito grande só para mim, um pouco lúgubre na sua arquitetura porfiriana, mas que é a única herança e lembrança dos meus pais. Não sei o que me daria se visse um dispensador de refrigerantes com uma *juke-box* na cave e uma loja de decoração no rés do chão.»

«Estive a raspar a lama do Chac Mool com uma espátula. O musgo já parecia fazer parte da pedra; foi trabalho para mais de uma hora e só às seis da tarde consegui acabar. A penumbra não permitia ver bem e, ao finalizar o trabalho, segui com a mão os contornos da pedra. Cada vez que voltava a passar-lhe a mão, o bloco parecia amolecer. Não queria acreditar: já era quase uma pasta. Este comerciante da Lagunilla enganou-me. A sua escultura pré-colombiana é gesso puro e a humidade acabará por estragá-la.

Cobri-a com uns trapos e amanhã transiro-a para o quarto de cima, antes que sofra uma deterioração total.»

«Os trapos estão no chão. Inacreditável. Voltei a apalpar o Chac Mool. Endureceu, mas não voltou a ficar de pedra. Não quero escrever isto: alguma coisa no tronco tem a textura da carne, aperto-o como se fosse borracha, sinto que alguma coisa corre por aquela figura reclinada... Voltei a descer à noite. Não há dúvida: o Chac Mool tem penugem nos braços.»

«Isto nunca me aconteceu. Baralhei os assuntos no escritório; enviei uma ordem de pagamento que não tinha sido autorizada e o diretor teve de me chamar a atenção. Talvez tenha sido mesmo descortês com os colegas. Terei de ir a um médico, saber se é imaginação, delírio ou alguma coisa, e de me desfazer daquele maldito Chac Mool.»

Até aqui, a letra de Filiberto era a antiga, aquela que vi tantas vezes em memorandos e formulários, larga e ovalada. A entrada de 25 de agosto, no entanto, parecia ter sido escrita por outra pessoa. Às vezes parecia a de uma criança, separando trabalhosamente cada letra; outras vezes parecia nervosa, diluindo-se na ininteligibilidade. Há três dias vazios e o relato continua:

«é tudo tão natural; e depois, acredita-se no real... mas isto é-o, mais do que aquilo em que acreditei. Se um garrafão é real, e mais, porque nos damos melhor conta da sua existência, ou estar, se um brincalhão tinge a água de vermelho... Real baforada de cigarro efémera, real imagem monstruosa num espelho de circo, reais, não o são todos os mortos, presentes e esquecidos?... Se num sonho um homem atravessasse o Paraíso, lhe dessem uma flor como prova de que tinha lá estado e, ao acordar, encontrasse essa flor na mão... então o quê...? Realidade: um dia quebraram-na em mil pedaços, a cabeça foi ter acolá, a cauda aqui, e nós só conhecemos um dos bocados que se soltaram do seu corpo enorme. Oceano livre e fictício, só real quando é aprisionado num búzio.



Até há três dias, a minha realidade era-o a ponto de se ter apagado hoje: era movimento reflexo, rotina, memória, papelada. E depois, como a terra que um dia treme para que recordemos o seu poder, ou a morte que virá, recriminando o meu esquecimento de toda a vida, apresenta-se outra realidade que sabíamos que estava ali, ignara, e que tem de nos abalar para se tornar viva e presente. Julgava, mais uma vez, que era imaginação: o Chac Mool, mole e elegante, tinha mudado de cor numa noite; amarelo quase dourado, parecia indicar-me que era um Deus, por ora lasso, com os joelhos menos tensos que antes, com o sorriso mais benévolo. E ontem, finalmente, um acordar sobressaltado, com aquela certeza pavorosa de que se ouvem duas respirações na noite; de que, na escuridão, bate outro pulso além do próprio. Sim, ouviam-se passos na escada. Pesadelo. Adormecer de novo... Não sei quanto tempo pensei ter dormido. Quando voltei a abrir os olhos ainda não amanhecia. O quarto cheirava a horror, a incenso e a sangue. Com o olhar enevoado, percorri o quarto, detendo-me em dois orifícios de luz pestanejante, em duas flâmulas cruéis e amarelas.

Quase sem fôlego, acendi a luz.

Lá estava Chac Mool, erguido, sorridente, ocre, com a sua barriga vermelha. Os dois olhinhos quase vesgos, muito encostados ao nariz triangular, paralisavam-me. Os dentes inferiores, imóveis, mordiam o lábio superior; só o brilho do capacete quadrado, sobre a cabeça anormalmente volumosa, denunciava vida. Chac Mool avançou para a cama; nessa altura começou a chover.»

Lembro-me de que, no fim de agosto, Filiberto foi despedido da Secretaria, com uma recriminação pública do diretor e rumores de loucura e mesmo roubo. Nisso não acreditei. Vi realmente uns officios sem pés nem cabeça, perguntando ao Diretor Geral se a água podia cheirar-se e oferecendo os seus serviços ao Secretário de Recursos Hidráulicos para fazer chover no deserto. Não soube o que pensar; julguei que as chuvas excepcionalmente fortes desse verão o tinham enervado. Ou que a vida naquele casarão antigo, com metade dos quartos fechados e cobertos de pó, sem

criados ou vida familiar, lhe devia ter causado uma depressão. Os apontamentos seguintes são de finais de setembro:

«Chac Mool pode ser simpático quando quer... um gluglu de água encantada... Sabe histórias fantásticas sobre as monções, as chuvas equatoriais, o castigo dos desertos; cada planta manifesta a sua paternidade mítica: o salgueiro, a sua filha descarrilada; os nenúfares, os seus mimalhos; a sua sogra: o gato. O que não consigo aguentar é o cheiro, extra-humano, que emana daquela carne que não o é, daquelas chancas flamantes de antiguidade. Com um riso estridente, o Chac Mool revela como foi descoberto por Le Plongeon e colocado, fisicamente, em contacto com homens de outros credos. O seu espírito viveu nos cântaros e na tempestade, naturalmente; outra coisa é a sua pedra, e tê-la arrancado do esconderijo é artificial e cruel. Julgo que Chac Mool nunca o perdoará. Ele conhece a iminência do facto estético.»

«Tive de lhe arranjar sabão para que lave o estômago que o comerciante besuntou com *ketchup*, julgando-o asteca. Não pareceu agradecer-lhe a minha pergunta sobre o seu parentesco com Tláloc, e, quando se aborrece, os seus dentes, já de si repulsivos, afilam-se e brilham. Nos primeiros dias foi dormir para a cave; desde ontem dorme na minha cama.»

«Começou a temporada seca. Ontem, da sala onde agora durmo, comecei a ouvir os mesmos lamentos roucos do início, seguidos por ruídos terríveis. Subi e entreabri a porta do quarto: o Chac Mool estava a partir os candeeiros, os móveis; saltou em direção à porta com as mãos arranhadas e só tive tempo de fechar e de me esconder na casa de banho... Mais tarde desceu ofegante e pediu água; mantém as torneiras a correr durante todo o dia, não resta um centímetro seco cá em casa. Tenho de dormir bastante protegido e pedi-lhe que não inundasse mais a sala.»<sup>1</sup>

«Hoje o Chac Mool inundou a sala. Exasperado, disse-lhe que ia devolvê-lo à Lagunilla. Terrível como o seu risinho – horrorosamente

---

<sup>1</sup> Filiberto não explica em que língua se entendia com o Chac Mool.

diferente de qualquer riso de homem ou de animal – foi a bofetada que me deu, com aquele braço atulhado de braceletes pesados. Tenho de o reconhecer: sou seu prisioneiro. A minha ideia original era outra: eu dominaria o Chac Mool como se domina um brinquedo; era, talvez, um prolongamento da minha segurança infantil; mas a infância – quem o disse? – é fruto comido pelos anos e eu não me apercebi disso... Apropriou-se da minha roupa e veste os roupões quando o musgo verde começa a aparecer-lhe. O Chac Mool está habituado a ser obedecido, desde sempre; eu, que nunca tive de mandar, só posso vergar-me. Enquanto não chover – e o seu poder mágico? – viverá colérico ou irritável.»

«Hoje descobri que à noite o Chac Mool sai de casa. Ao escurecer, canta sempre uma canção desafinada e antiga, mais velha que o próprio canto. Depois, cessa. Bati várias vezes à sua porta e, como não me respondeu, atrevi-me a entrar. O quarto, que não tinha voltado a ver desde o dia em que a estátua tentou atacar-me, está em ruínas e concentra-se aí aquele cheiro a incenso e a sangue que tomou conta da casa. Mas atrás da porta há ossos: ossos de cães, de ratos e de gatos. É isto que o Chac Mool rouba à noite para se alimentar. Isso explica os latidos pavorosos de todas as madrugadas.»

«Fevereiro, seco. Chac Mool vigia cada passo que dou; obrigou-me a telefonar para uma tasca para que me tragam diariamente arroz de frango. Mas o que subtraí do escritório já está a acabar. Aconteceu o inevitável: no primeiro dia do mês, cortaram a água e a luz por falta de pagamento. Mas Chac descobriu um chafariz público a dois quarteirões daqui; todos os dias faço dez ou doze viagens para ir buscar água e ele observa-me da açoteia. Diz que, se tentar fugir, me fulminará; também é Deus do Raio. O que ele não sabe é que estou a par das suas fugas noturnas... Como não há luz, tenho de me deitar às oito. Já deveria estar habituado ao Chac Mool, mas há pouco, na escuridão, encontrei-me com ele na escada, senti-lhe os braços gelados, as escamas da pele renovada, e tive vontade de gritar.»